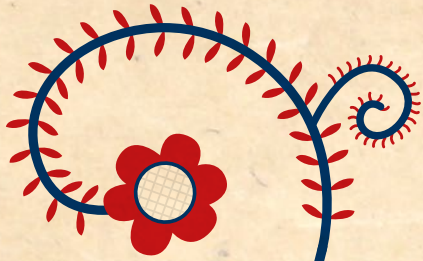




*entre linhas
cruzadas*
formas de expressão



entre línha

CRUZADA

formas de

as das expressão



A exposição temporária “Entre Linhas Cruzadas – Formas de Expressão”, no Museu do Traje de Viana do Castelo, pretende elucidar a importância dos bordados de Viana do Castelo, a Cruzada das Mulheres Portuguesas e a emancipação da mulher vianense. Deste modo, esta exposição vai fluir através da história, seguindo as linhas da vida de várias mulheres vianenses, as quais retiraram dos bordados de Viana do Castelo um complemento para as suas famílias. Desde as linhas com que delinearam os riscos, as técnicas de transferência, até às linhas com que bordaram esta arte floral, percorremos cem anos de história, cem anos nos quais as mulheres vianenses continuam a utilizar estes bordados como uma forma de se expressarem.



Ana de Castro Osório

A Cruzada das Mulheres Portuguesas

Decorria o mês de março do ano de 1916, altura que a Alemanha declarou guerra a Portugal e este se preparava para a frente de combate em França, altura em que a crise económica, com a mobilização da população masculina, se agravou. O sustento das famílias ficou comprometido, uma vez que, naquela altura os trabalhos eram realizados maioritariamente por mão de obra masculina. A ideia que prevalecia era que a mulher teria de ficar a cuidar dos filhos e da casa. Foi a partir desta premissa que a população feminina passou a desempenhar um papel mais ativo na sociedade e que, um grupo de mulheres republicanas, da qual fazia parte Elzira Dantas Machado, esposa do então presidente da República Bernardino Machado, fundaram “**A Cruzada das Mulheres Portuguesas**”. Este foi um passo deveras importante para a emancipação da mulher portuguesa. Este movimento, de suma importância para a sociedade de então, depressa se multiplicou em várias comissões (artigo 17 dos estatutos) e sub-comissões autónomas e independentes (artigo 27 dos estatutos) espalhadas por todo o país. A importância deste movimento foi de tal ordem, que a Cruzada das Mulheres Portuguesas viu os seus estatutos aprovados a 19 de agosto de 1916 (Pimenta, 1989).

A par de Elzira Dantas Machado, Ana de Castro Osório, escritora portuguesa, foi uma das mulheres fundadoras desta comissão. Ana Osório, uma importante ativista feminina, foi a mentora ideológica da Cruzada, tendo sido a par disso, um dos elementos mais participativos, tornando-se o rosto e voz mais ativo do movimento. Lutou pela emancipação feminina, pelo trabalho remunerado por parte das mulheres, como forma de autossustento. Assim sendo, abandonou-se a ideia de trabalho voluntário, conseguindo assim a independência financeira para si e para a família. Desta forma, a ideia que a mulher tinha de ser sustentada pelo homem (pai, marido), foi alterada. Em suma, a guerra deu oportunidade de as mulheres mostrarem ao mundo o seu valor, substituindo os homens, mobilizados em combate, nas mais diversas funções.

A Cruzada das Mulheres Portuguesas não surgiu por acaso. Foi inspirado em um movimento que existia na altura em França, “**La Croisade des Femmes Françaises**” e teve o apoio das mais altas instâncias políticas e militares do país, dado que foi autorizada pelo governo da altura a ministrar os cursos de enfermagem e os seus próprios hospitais (Lousada, 2016).

O movimento feminista principiou por, segundo o decreto nº 2493 de 3 de julho de 1916, ser equiparado à Cruz Vermelha Portuguesa através das comissões de hospitalização e enfermagem. Para além desta equiparação, a Cruzada beneficiou de isenção de franquia postal e obteve licença para o lançamento de uma lotaria com o valor de 1200 contos, cujo objetivo era a angariação de fundos para suportar a hospitalização dos feridos de Guerra (Pimenta, 1989).

Contudo, a Cruzada não se resumia apenas aos cuidados de saúde. De entre os vários objetivos propostos, o movimento foi considerado um sucesso pela sua organização. A nível nacional, as dirigentes das várias comissões e subcomissões esforçaram-se por fazer reviver indústrias tradicionais femininas, rendas e bordados, ou relacionadas com a agricultura (Moura, 2016). Mais uma vez, ao consultar os estatutos, facilmente nos deparámos com este objetivo *“assistência local às famílias dos mobilizados e interessando-se pelos trabalhos regionais protegendo as pequenas indústrias, principalmente femininas e a agricultura”* (artigo 27, nº 7, p. 16). As várias cidades com subcomissões, cedo começaram a dar mostras do trabalho realizado, *“de Lisboa, a cruzada aplaude as subcomissões de, ..., Viana do Castelo, Setúbal e Torres Novas que planeiam organizar escolas profissionais para as suas indústrias tradicionais de rendas e bordados”* (Pimenta, 1989, p. 6).





Gemeniana Branco

Viana do Castelo e a Cruzada

Em Viana do Castelo também existia uma subcomissão da Cruzada das Mulheres Portuguesas, e foi precisamente através dessa ligação, que os Bordados de Viana do Castelo começaram a ser conhecidos. As mulheres vianenses viram nos bordados uma forma de autossustento. Com os maridos a combater na Flandres e com a crise na agricultura por falta de mão de obra masculina, a comunidade feminina viu-se obrigada a arranjar uma ocupação que lhe permitisse ganhar dinheiro extra para equilibrar o orçamento familiar, assim como uma atividade que lhes ocupasse a mente (Lima, 2000).

Ana de Castro Osório, visitou a nossa cidade em 1916, ficando maravilhada com os trabalhos artesanais realizados pelas mulheres vianenses.

“Quando há dois (1916) anos tivemos o prazer de, pela primeira vez, visitar Viana, no cumprimento da nossa missão de colher elementos sobre as indústrias artísticas regionais femininas, procuramos a Senhora D. Gemeniana Branco, que nos deu a indicações preciosas sobre as indústrias de tecidos e bordados regionais, mostrando-nos o trabalho originalíssimo da aplicação dos bordados feitos pelas mulheres das aldeias circunvizinhas, em toalhas ricas de linho e outras peças de uso caseiro” (Osório, 1918, p. 81).



Foi pela mão de D. Gemeniana Branco, secretária da subcomissão em Viana do Castelo, que os bordados de Viana começaram a proliferar. Em conjunto com a sua irmã, D. Margarida Cerqueira, organizaram a primeira exposição de bordados. Foi em 1917 nas Festas da Senhora D'Agonia. D. Gemeniana estaria mais ligada ao bordado, enquanto a sua irmã estaria mais ligada à tecelagem. Esta exposição impulsionou a cultura dos bordados vianenses, mostrando ao povo português a indústria que se praticava em Viana do Castelo. Por esta altura, com a crise agrícola agravada, devido à participação de Portugal na guerra, e com a indústria do bordado em crescimento, a indústria do linho teve um novo impulso.

“... a indústria agrícola da cultura do linho, que a crise da guerra veio, felizmente, fazer ressurgir em todo o país que a ia abandonando, como a tudo que em comodismo preguiçoso a grande indústria lhe fornecia sem esforço.”
(Osório, 1918, p. 82).

A mulher passou a trabalhar o processo do linho e daí tirar as matérias primas para os seus trabalhos.

“... a mulher do Minho, tam corajasa, tam laboriosa e tam senhora da sua própria autonomia económica, compreenda o beneficio que lhe traz a cultura dessa planta, que nenhum outro produto pode igualar e que cada vez tem mais útil e imediata aplicação” (Osório, 1918, p. 82).

Mulheres Vianenses

Século XX

Como anteriormente descrito, a emancipação do Bordado de Viana do Castelo nasce com o movimento da Cruzada das Mulheres Portuguesas, onde, pela iniciativa de algumas mulheres da cidade, associam-se os conhecimentos de uma classe favorecida com os trabalhos rurais das mulheres da aldeia. As linhas da história deste bordado, tais como as linhas dos riscos e de bordar, cruzam-se e entrelaçam-se como as vidas das mulheres vianenses que delinearão o percurso destes bordados.

Da cidade de Viana do Castelo destacamos um conjunto de mulheres, as quais, com uma educação privilegiada, frequentaram os colégios locais, aprendendo nestes, entre outras matérias, diversas técnicas de bordados. Como publicado no jornal A Aurora do Lima de 24 de agosto de 1917, transcrevemos uma referência de uma exposição de trabalhos das alunas do “Collegio Viannense”:

“... recebemos um amável convite da illustrada professora e directora d’aquelle conceituado Collegio, exm.^a snr.^a D. Zaida de Lima Vianna, para visitarmos a exposição de trabalhos das suas alumnas, que se realizou nos dias 18, 19, 20 e 21 do corrente.” (A Aurora do Lima, 24 de agosto 1917)

Nesta publicação, encontrámos ainda a descrição de alguns dos trabalhos executados pelas alunas, na qual se destaca a importância dos trabalhos na educação feminina, ao ponto deste jornal elogiar, não só a exposição, mas também a qualidade do nível educacional deste colégio.

“À illustrada professora e directora do Collegio Viannense damos os parabéns pela encantadora exposição, que veio comprovar, mais uma vez, a excelente educação que n’aquelle estabelecimento se ministra e que por essa razão deve ser o preferido pelas famílias que pretendam educar devidamente os seus filhos.” (A Aurora do Lima, 24 de agosto 1917).

Gemeniana Branco, com uma educação apurada nas técnicas, gosto e rigor, foi um dos principais impulsos transformadores, que influenciou a aplicação dos bordados regionais em novos formatos e suportes. Assim, a dedicação de Gemeniana Branco a esta nova forma de expressão feminina, vai conquistando reconhecimento e visibilidade, levando os bordados de Viana do Castelo de norte a sul do país e além-fronteiras.



Gemeniana Branco



À primeira exposição de arte regional em agosto de 1917, seguem-se diversas outras, destacando-se a medalha de ouro atribuída a Gemeniana Branco de Abreu Lima e sua irmã Margarida Branco Cerqueira pelos bordados em linho a cores numa exposição em Braga no ano de 1924 e, as medalhas de ouro e prata atribuídas em Sevilha e Barcelona, respetivamente, às duas irmãs e a D. Marta Branco Nogueira em 1929. (A Aurora do Lima, 9 de setembro de 1924 e 19 de abril de 1929).

Já nas aldeias, recrutaram-se as mãos que davam corpo a estes bordados, as mesmas mãos que no passado bordavam os mesmos padrões nas suas peças de vestuário e que, as senhoras da cidade habilmente adaptaram a outros produtos têxteis.

“Segundo António Afonso do Paço e, antes dele, Luísa Vasconcelos Costa e Melo, Maria Amália Vaz de Carvalho, outro destacado elemento da Cruzada das Mulheres Portuguesas terá chamado a atenção para o papel que a manufatura de bordados poderia desempenhar na promoção de melhores condições de vida para as mulheres.” (Pires, 2006, p.8)

A partir da referência anterior apercebemo-nos da importância que esta indústria caseira desempenhou durante um período crítico (1914 – 1918), especialmente, ao providenciar um rendimento extra às lavradeiras do concelho.

“É preciso que a linda e curiosa indústria de bordados de Viana se imponha de modo a corresponder ao impulso do seu início, pois que, no limitado espaço de pouco mais de um ano, subiu de 3 a 30 o número de aldeãs de Serreleis, St.^a Marta, Portuzelo, Vila-franca e outras circunvizinhas, de idades várias, desde os 9 anos até à velhice, que auferem um pequeno, mas compensador, lucro do seu trabalho propriamente caseiro, realizado sem sacrifício nem esforço, nos intervalos das lidas domésticas, que é verdadeiramente o ideal das pequenas indústrias regionais.” (Osório, 1918, p.83)

Nascida na freguesia de Cardielos, Maria Gonçalves Parente desde cedo começou a dedicar-se aos bordados e à tecelagem. Fundadora da Casa Vila Maria nesta mesma freguesia, Maria, juntamente com outras mulheres desta aldeia, bordava e tecia para as lojas da cidade (Casa Fontinha) que comercializavam os labores femininos da região. Esta história de devoção aos bordados e outros labores associados aos trajes regionais permitiu a emancipação das mulheres desta família, as quais, geração após geração “riscaram” e “delinearam” as linhas das suas vidas. Atualmente, à frente deste estabelecimento comercial, o qual se dedica exclusivamente aos diversos tipos de labores regionais, nos quais se enquadram os bordados de Viana do Castelo, encontrámos uma bisneta da fundadora, Rosalina Casanova da Silva.





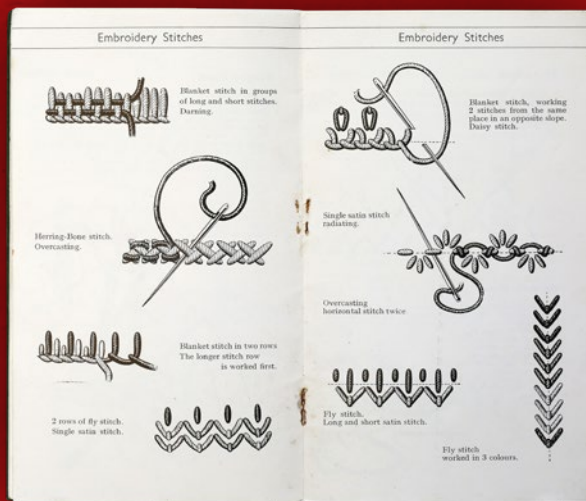
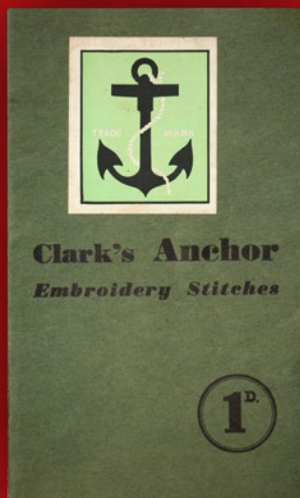
As Linhas



Os bordados de Viana do Castelo utilizam uma linha de algodão popularmente referida por linha “perlé” nº 8. Como se pode ler no Caderno de Especificações destes bordados, as propriedades físicas destas linhas são de extrema importância para as características particulares deste produto, nomeadamente, a grossura e brilho que constroem o relevo e textura típica destes bordados. Produzidas pela empresa escocesa Coats and Clark, as linhas “Âncora” utilizadas nos bordados de Viana do Castelo, possuem uma história digna de se contar. (Pires, 2006)

A importação das linhas “Âncora” insere-se num conjunto de produtos têxteis, importados do Reino Unido, os quais historicamente, foram base de tratados e acordos comerciais entre os dois países.

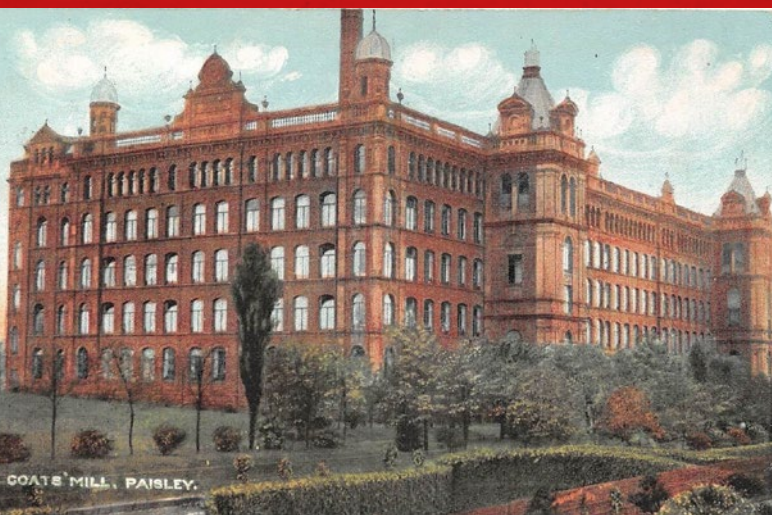
Iniciamos esta história com o contrato popularmente designado de “Tratado de Methuen”, assinado em Lisboa em dezembro de 1703, assim denominado pelo apelido do autorgante Inglês, o Sr. Methuen. Este tratado entre Portugal e Inglaterra estipulava as condições para o comércio de vinhos portugueses e tecidos de lã ingleses (anteriormente proibidos) entre ambas as nações. Em 1810, segue-se um outro tratado entre os dois países, o qual reduz as tarifas nos tecidos de lã importados para Portugal de 23% para 15%. (Hansard, 1832).



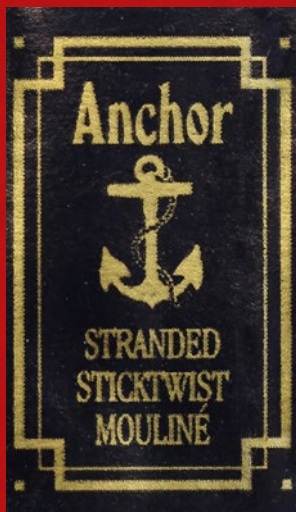
Já em 1842, o outro acordo de comércio e navegação assinado entre as duas nações, reforça o intercâmbio de produtos dos dois países. Com isto, pretendemos demonstrar a forte relação comercial existente entre Portugal e o Reino Unido há vários séculos. Analisando as tabelas das tarifas dos produtos importados para Portugal na década de 40 do século XIX, destacamos os seguintes artigos têxteis. Da indústria lanífera importavam-se panos, fios, xailes, lenços-da-mão, entre estes produtos em merino, casimira, baeta e sarja. Por sua vez, nas manufaturas em linho e cânhamo, destacamos os fios para costura, os panos de linho e damasco provenientes da Irlanda e da Escócia, assim como cordas. Por fim, da indústria do algodão, referimos desde os fios brancos ou tingidos para costura, as flanelas e cambraias para xailes e lenços da mão, até aos tecidos de chita, musselina, veludo preto e os oleados. (Macgregor, 1844)

As Linhas

Poderíamos divagar sobre o possível uso dos panos de linho ou algodão como base para os bordados de Viana do Castelo, na baeta e veludo preto oriundos da Inglaterra para os trajes de cerimónia (Traje de Noiva e Mordoma). No uso dos fios de lã fina na tecelagem caseira das peças dos trajes de festa (Traje à Vianesa), até aos xailes de lã ou algodão estampados que surgem nos diversos trajes regionais de Viana do Castelo. No entanto, deixamos essa investigação para outra publicação, debruçando-nos de seguida nos fios de algodão, nomeadamente os da marca Coats & Clark de Paisley na Escócia, utilizados nos bordados de Viana do Castelo.



A história das linhas Âncora utilizadas nos bordados de Viana do Castelo começa com dois irmãos escoceses da cidade de Paisley, Peter e James Clark. Nos finais do século XVIII estes eram fornecedores de liços, pentes e lançadeiras para os tecelões locais. No entanto, o fio de algodão para costurar apenas surge por volta de 1806, aquando do decreto de Berlim de Napoleão, o qual bania a exportação de produtos para o Reino Unido. Até este período, a seda era a principal matéria-prima na preparação de meadas, logo, Peter Clark começou a experimentar o uso do algodão na execução das mesmas. Alcançando com sucesso a execução de meadas de algodão, com a produção de um fio de algodão resistente, a procura disparou, levando ao grande desenvolvimento desta indústria. No entanto, terá sido entre 1860 e 1880 que os moinhos têxteis Âncora (Anchor Mills) sofreram a maior expansão, começando ainda neste período, em 1872, a produção de linhas de bordados. Para além da família Clark, existiu uma outra família (Coats), também esta sediada em Paisley (Escócia), a qual no século XIX se dedicava à produção de fio de algodão. Para termos ideia, em 1880, o moinho têxtil Âncora utilizava 230000 fusos (mecânicos) e empregava mais de 3500 homens e mulheres. Em 1896 e, devido à forte competitividade entre as duas empresas (Coats e Clark), estas unem-se criando a marca Coats & Clark. Os anos 90 do século XX marcaram o final da produção das linhas Âncora na cidade escocesa de Paisley (Reilly, 2009).



A importância das linhas escocesas ganhou tal destaque que, segundo Maria Clementina Carneiro de Moura, a marca “Âncora” produzia expressamente para os bordados de Viana, meadas nº 18 (*sic nº8*), de 100 gramas, em vermelho, azul e branco. (Moura, 1961). A referência à existência da Companhia de Linha Coats & Clark em Portugal (Gaia), surge no Boletim Telégrafo-Postal (n.º 178) de outubro de 1908, no “O Mundo Português” (vol. 2, edição 13-24) de 1935 e no “Guia Profissional de Portugal” (edição 10, parte 2) de 1948.

No entanto, devido à baixa procura de atalhados com bordados de Viana do Castelo a partir dos finais dos anos 90 do século passado e, conseqüente declínio no consumo destas linhas, a empresa Coats & Clark encerra a produção em Portugal. Deste modo, as atuais linhas Perlé N.º 8 da marca Coats & Clark surgem etiquetadas como “Anchor”, em vez do nome anterior “Âncora”, tratando-se na realidade das mesmas.



História do Riscar

Se em tempos idos as mulheres vianenses que se dedicavam aos bordados de Viana do Castelo, “inspiravam-se na natureza que as rodeava”, desenhando livremente os motivos florais que caracterizam estes bordados, há já várias décadas, que o uso dos ditos “riscos”, folhas de papel vegetal com os padrões a bordar, são utilizados por regra geral. A utilização destes “riscos”, para além de facilitar na transferência do desenho, permite ainda uma maior simetria do bordado. Isto, uma vez que a transferência do desenho, efetuado através de uma folha de papel-químico, permite “riscar” o padrão e, especialmente em trabalhos de grandes dimensões, tais como toalhas de mesa, nas quatro metades de uma só vez. Poderíamos considerar a utilização dos “riscos” juntamente com o papel-químico como uma inovação relativamente recente, no entanto, como vamos ver, esta técnica de transferência, já existe há mais de um século.

A técnica de riscar utilizada pelas mulheres vianenses consiste na transferência de um desenho (risco), para o tecido através do recurso ao papel de carbono (papel químico). Para tal, ao se delinear com um lápis o padrão sobre o papel químico, este transfere os desenhos para o tecido. Deste modo, de seguida iremos explorar um pouco da história desta técnica e, especialmente da invenção do papel de carbono.

No ano de 1808, Pellegrino Turri terá criado uma máquina de escrever e o papel de carbono, para que a sua amiga cega, a Condessa Carolina Fantoni da Fivizzano pudesse escrever-lhe quando ele viajava. (Lazar, 2015) Embora, no mesmo ano e, em simultâneo com Turri, o inglês Ralph Wedgwood também terá inventado um tipo de papel de carbono para uso numa “máquina de escrever”. (Castleden, 2007). Como visto, a invenção do papel de carbono prende-se com a história da dactilografia, no entanto, este papel passou mais tarde a ser utilizado noutras áreas. Como descrito por Montague Marks em 1898, o uso de papel de carbono, tal como usado pelos datilógrafos, já era usado nas técnicas de transferência de desenhos de bordados (Marks, 1898).



A referência anterior permite-nos perceber como já nos finais do século XIX, se procedia para a criação de riscos, a inversão dos desenhos e a subsequente transferência para outros químicos ou para os tecidos a serem bordados. Já em 1889, na revista “The Peterson Magazine” encontra-se a descrição de como transferir desenhos utilizando papel de transferência e papel de carbono. Como veremos de seguida, o método usado é idêntico ao que as mulheres vianenses ainda hoje em dia utilizam para riscar os seus bordados. Este método para além de aplicado em têxteis era ainda usado para marcar madeira para esta ser talhada.

“Como transferir desenhos – O modo mais simples de se transferir os desenhos do suplemento é procurando uma ou duas folhas de papel de transferência (papel vegetal), no qual o desenho é facilmente riscado; com uma outra folha de papel de carbono (químico), a qual é pousado de face para baixo sobre o artigo a ser riscado, coloca-se depois por cima o desenho (risco) na posição pretendida, e todo o padrão riscado com um lápis de carvão (duro), o desenho ficará perfeitamente riscado sobre o material.” (Peterson, 1889, p. 577)

A utilização de papel vegetal e de carbono está bem documentada nos finais do século XIX, no entanto, como poderemos ver de seguida, esta técnica evoluiu, tendo sido criados ainda neste período, papéis de transferência já com os desenhos num dos lados. Como descrito por Molly Proctor, a empresa Briggs & Co publicou antes de 1882 um álbum de desenhos de bordados (Designs for all Kinds of Embroidery). Já em 1882/83, esta mesma empresa lançou uma edição com um conjunto de “riscos” patenteados sobre a forma de um livro de capa dura com cerca de 500 desenhos, como referido por Molly Proctor, mais de 90% dos desenhos possuíam motivos florais. Estes “riscos” da marca Briggs & Co, entre outras marcas, tinham de ser transferidos com recurso a um ferro de passar, tendo um número de transferências limitadas (Proctor, 2009).

As mulheres vianenses, mulheres que riscavam os padrões para os bordados de Viana do Castelo, que posteriormente seguiam para as bordadeiras das aldeias vizinhas, que se saiba não utilizaram este último método. Daí, estas mulheres recorreram ao papel vegetal e de carbono (químico) para reproduzirem e criarem os seus próprios riscos. No entanto, a empresa Coats & Clark, sobre a marca Anchor, editou papéis de transferência com bordados de Viana do Castelo no Reino Unido.



WORKING INSTRUCTIONS for Portuguese Cushion



MATERIALS REQUIRED

Clark's Anchor 2 Stranded Cotton.

8 skeins 417 (Grey).

5 skeins each 463 (Parrot Green); 523 (Jade).

4 skeins 382 (Geranium).

3 skeins 736 (Geranium).

2 skeins each 489 (Canary Yellow); 562 (Electric

Blue); 725 (Geranium).

1 skein each 413 (Violet); 447 (Parma Violet); 460 (Azare).

(Use 3 strands throughout, excepting outside border of cushion where

6 strands are used).

$\frac{1}{2}$ yard Natural Art Canvas 45 ins. wide.

1 Milward's "Gold Seal" Crewel Needle No. 6 (3 strands).

1 Milward's "Gold Seal" Crewel Needle No. 5 (6 strands).



THE EMBROIDERY

Have machine and transfer design evenly on to one piece. Follow diagram and keys for placing of colours and stitches. All the narrow double lines of design are worked in broad outline. Small areas are



MADE IN GREAT BRITAIN

Mulheres que riscam

Desde os artigos de Cláudio Basto na revista Lusa de 1917 sobre a exposição de labores, onde a imaginação das camponesas vianenses é louvada como a mente criadora dos padrões dos bordados de Viana do Castelo, até aos registos mais recentes que continuam a insistir nesta versão, sabe-se que na realidade e embora a fonte inicial destes desenhos provenha dos labores das lavradeiras da região, a composição do *design* dos atoalhados vianenses era da autoria de um conjunto de mulheres da sociedade vianense. Neste grupo de mulheres, as quais se dedicavam à intermediação entre o cliente e as bordadeiras, mencionamos Gemeniana Branco, sua Irmã Margarida Cerqueira, as “Tinoco” (Maria Cândida, Margarida, Maria e Ana), Luísa Cerqueira e Engrácia Enes Pereira, entre outros.

“... o desenho e o riscar era feito na cidade e o bordar nas aldeias. Da cidade ia também o linho e as linhas e aqui se fazia o pagamento, contra a entrega da obra.” (Abreu Lima, 2012, p.10)

Estas mulheres, viram nos bordados regionais uma forma de expressarem a identidade artística das lavradeiras, pois, ao enriqueceram a qualidade dos bordados, especialmente na composição e rigor dos desenhos, conseguiram dinamizar uma indústria caseira em declínio.

“Pela evidente influência da «cruzada» e do seu lindo e simples emblema, síntese da nossa obra do passado, êsses velhos motivos foram acrescentados com a cruz quadrangular da Ordem de Cristo, lindamente aplicada e já adaptada no gosto das bordadoras.” (Osório, 1918, p. 82)





Atualmente, e como acervo do Museu do Traje de Viana do Castelo, encontra-se uma coleção de mais de 220 riscos da coleção de Maria Cândida Tinoco de Abreu Lima, a qual, para além do valor como registo do tipo de desenhos usados nos Bordados de Viana do Castelo, permite-nos ainda, visualizar a introdução de novos temas.

“O risco com geométrico, fruto dos conhecimentos de desenho que tinham quem os criava, vem substituir a ingenuidade e irregularidade de quem tinha mão para bordar mas ignorava as normas do desenho.” (Abreu Lima, 2012, p.10)

Maria Cândida e Ana Tinoco de Abreu Lima foram educadas num colégio em Ponte de Lima, onde aprenderam a bordar e pintar. Mais tarde, foram estes conhecimentos, que lhes permitiram compor, criar e inventar novos desenhos, padrões e riscos, muitos dos quais são o testemunho das mulheres que riscaram, as linhas das suas vidas, a forma de se expressarem. Deste modo, os riscos destas duas irmãs, desde os de composição mais canônica, onde os motivos populares abundam, até aos de cariz inovador, estes são um registo da emancipação feminina em Viana do Castelo.



Maria Cândida Tinoco de Abreu Lima e Marido

Os Riscos e Bordados na comunicação social

Se inicialmente a disseminação do Bordado de Viana do Castelo dependia essencialmente das exposições de labores, nas quais os trabalhos de Gemeniana Branco e Margarida Cerqueira, entre outras, se ia expandindo, os jornais e revistas nacionais do século XX, também serviram como meio de propagação deste típico bordado vianense. Assim, desde a divulgação de padrões (riscos) até aos artigos de índole informativo, os bordados de Viana do Castelo começaram a entrar pela casa de muitos portugueses sob a forma de jornais, revistas, suplementos ou livros de labores, especialmente dedicados ao público feminino.

Nas publicações nacionais destacamos as edições da década de 40 do século XX da revista Fada do Lar, onde encontramos “riscos” de bordados de Viana do Castelo. Na edição de 1947 desta revista de labores surge ainda como tema de capa um “risco” de uma toalha com um bordado de Viana do Castelo.



Bordado de algodão (toalha), moderno, de Viana do Castelo

BORDADOS TRADICIONAIS PORTUGUESES

VIANA DO CASTELO—1

Os bordados típicos de Viana do Castelo, ou bordados viannenses, de fio de algodão, são dos mais conhecidos e dos que desfrutam de maior popularidade. Foram

vel desenvolvidos naquela cidade.

Deve-se a uma ilustre viannense, a sr. D. Gemeniana Brande de Abreu e Lima, a criação desta indústria, há cer-

serem inteiramente executados com linha de meia de algodão branco, sobre baeta vermelha. Os «forros» das saias dos frajes à viannesa (por terras minhotas usa-se especialmente a denominação de «traje à lavradaria») têm como decoração várias silvas.

Nos trajes são bordados com lãs as saias, algibeiras e coletes, enriquecidos com o emprego de rufes, vidrilhos, misangas (ex camponesas chamam-lhes por vezes bidrilhos, por serem de vidro) e lantejoulas, sendo os motivos contornados com o «palhete» (ou «fio de

baixo é postiça, de pano diferente e chama-se fralda. Nos ombros aparecem lindos desenhos, alguns bordados com linha azul. As saias têm na parte inferior e exteriormente, o «forro» — tira de pano de trinta centímetros de largura, — cuja cor varia de aldeia para aldeia, embelezado em algumas por uma silva bordada a branco.

Materiais—O tecido dos bordados tradicionais faz-se sempre com linho grosso, caseiro; nos mais modernos o linho caseiro foi substituído por tecidos finos. Na região de Viana do Castelo fabricam-se duas espécies de linho: linho vulgar — aquele que é urdido com fio de algodão e tapado com fio de linho; linho fino — aquele que é urdido e tapado somente com linho.

Os bordados de algodão são executados com linha de algodão, aproveitando as bordadeiras os melhoramentos da indústria de fiação; elas, porém, já não fabricam nem tingem caseiramente o linho; mas utilizam algodões vulgares ou algodões de lustró (perle), por comodidade e para lhes aproveitar a fiação de cor.

O perle, linha de algodão brilhante, é constituído por dois fios grossos torcidos; utiliza-se exclusivamente nos bordados, sendo as cores, o azul, o vermelho e o branco.

Nos bordados com lã, empregam-se fios desta matéria e fios metálicos.

Hoje tem largo emprego a lã comprada, à qual as bordadeiras de Cardielos dão o nome de lã de fora e as de Perre, lã do Porto. Esta última designação tem a sua origem no facto das tecedeiras de Perre usarem, no fabrico das saias, uma lã fina que vinha daquela cidade.

O cordão dourado, conjunto de fios dourados, torcidos a formar cordão, emprega-se algumas vezes nos contornos e ainda nos motivos de desenho que representam pés de flores ou arabescos de um só traço. Nos bordados mais modernos, o fio metálico do cordão palhete, que se chama trená (primariamente era uma trança de três fios, que, depois passou a designar toda a fita preciosa ou fio de ouro), quase desaparece, sendo muitas vezes substituído por fio de cor branca. Comercialmente, o cordão palhete é também conhecido pelo nome de requife.

Motivos — a bordadeira minhotoa possui intuição artística admirável que lhe permite improvisar as suas composições. É nesta parte do trabalho que a bordadeira manifesta mais as

suas tendências artísticas, o seu bom gosto, e é também e sobretudo neste campo que o desenho depende do bordado e da combinação dos motivos.

Os desenhos criam-nos nas



Nos bordados à viannesa, a camisa é bordada nas ombreiras, nos punhos e cintos aos pulsos e no colarite. Os bordados são de algodão e os franzidos, conhecidos pela designação de pregas de imprensa, formam desenhos geométricos

próprias aldeias, que se inspiram principalmente na natureza, no que a cerca e mais lhes prende a atenção, sem fa-

(Continua na pág. 15)

revelados na cidade de Viana do Castelo, em 1917, numa exposição de labores femininos que ali se efectuou durante as festas da Senhora da Agonia (18, 19 e 20 de Agosto), devendo notar-se que a sua produção provém de algumas aldeias interiores do respectivo concelho, embora ultimamente a sua indústria tenha logrado nota-

ca de trinta anos, no que foi seguida por outras firmas, que vieram contribuir com a sua actividade para a expansão desta iniciativa. Pode-se conside-



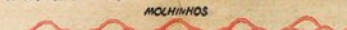
FORMIGA



FORMIGA DUPLA



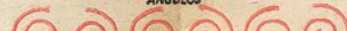
MOLINHOS



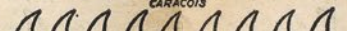
MURINHOS



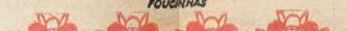
ÂNGULOS



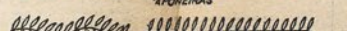
CARACÓIS



FOCINHAS



APONEIRAS



SILVAS

Alguns motivos dos bordados viannenses a fio de algodão

rar muito desenvolvida a indústria de bordados de linho, como se depreende da grande quantidade de casas comerciais que na cidade se dedicam a esse negócio.

Os bordados de algodão e de fio de lã são muito antigos, pois já eram empregados nos trajes das populações rurais femininas, nas ombreiras, punhos e colarite das camisas, saias, algibeiras e coletes, bordados aliás tidos como epopées, por

brilhos), ou seja, cordão formado por um fio grosso de algodão amarelo ou branco, envolvido por espirais, pouco distanciadadas, de delgadas lâminas metálicas (douradas ou prateadas). As restantes peças do traje (camisa, lenço e chinelas) são bordadas com algodão.

A camisa é de alvo linho, tecido pelas camponesas; aperta rente ao pescoço, cobrindo os braços e todo o corpo até à meia canela. Da cintura para

MES

uma garrafa de extractos e de essências, frascos de essências preparadas, com os quais nada mais há a fazer do que detar uma certa quantidade em álcool puro.



MO
NO
GRA
MAS



BORDADOS TRADICIONAIS PORTUGUESES

VIANA DO CASTELO-2

Composição — Em geral, fazem as combinações dos desenhos com simetria, introduzindo motivos diversos. A bordadeira minhota possui sentido da criação artística bastante desenvolvida, pelo que improvisa as suas composições. Quando muilo, guarda numa caixa, recortados em papel, moldes de todos os motivos tradicionais. Com o fim de dar ao conjunto

uma unidade de execução decidida, assente na tradição.

Em muitos casos a cópia dos objectos é directa, isto é, reproduz à vista, desenhando directamente sobre o tecido, sem intervenção de estudo prévio pelo desenho à vista, ou decalcando desenhos.

Nos bordados de lã, cujas decorações se realizam quase sempre em conjuntos de limites

mente os desenhos maiores, com ponto cheio, com nós ou por meio de redes (pontos abertos).

Compor: ligar entre si os desenhos principais por meio de silvas, caracóis, ramos e ângulos.

Pontos — Nos bordados com fio de algodão utilizam-se os pontos abertos, de cadeia, casados, cheio, cordão, etc.



Motivos dos bordados de fio de algodão

obriga a decompor os motivos, dividindo-os por meio do ponto de pé de flor. Os outros pontos empregados são: ponto pé-de-galo (ou russo), de sombra do avesso, de formiga, simples e duplo, cordão palhete

É um cheio baixo, porque o desenho não é enchido — urdido — antes de ser bordado como o usado no bordado da Madeira.

As bordadeiras de Perre dão-lhe o nome de ponto regional.

equivalente ao francês cordonnet (conjunto de pontos salientes, miúdos e certos) designa-se este último por cordão inglês ou cordonnet; crivo, o mesmo que ponto aberto, segundo a nomenclatura de Perre.

Já em artigos de jornais ou revistas destacamos o jornal lisbonense “A Capital”, no qual surge uma secção denominada “Elas & Eles”, onde aparecem textos explicativos e esquemas de bordados de Viana do Castelo nas edições de 16 e 23 de março de 1968. Um artigo sobre estes típicos bordados surge ainda na revista “Modas & Bordados – Vida Feminina” publicada por Maria Alice Ramalhete Pinto em Guimarães entre 1935 e 1955.

No estrangeiro, a empresa Coats & Clark seria a grande difusora dos desenhos e pontos tradicionais do bordado de Viana do Castelo pelo mundo fora. Sendo várias as edições desta marca propositadamente editadas para um público estrangeiro, com esquemas, padrões e técnicas. Inclusive, a edição do livro “Bordados Tradicionais de Portugal” no ano de 1949, publicado em português e em inglês, possui também uma secção dedicada aos bordados de Viana do Castelo.

OUTUBRO 1947 NÚMERO 28

MÃOS DE FADA

PREÇO 6 ESCUDOS

REVISTA DE LAVORES FEMININOS

RENDAS * MALHAS * BORDADOS * MODAS * ROUPAS INTERIORES * PONTOS * LITERATURA



RENDAS * MALHAS * BORDADOS * MODAS * ROUPAS INTERIORES * PONTOS * LITERATURA



LOJA DOS FIGURINOS
R. S. RUA ARGENTINA, TEL. 21549 - LISBOA

Rosa Maria Coutinho - Area de Artes e Contem'plia suplementos

RENDAS * MALHAS * BORDADOS * MODAS * ROUPAS INTERIORES * PONTOS

ANCHOR *Embroidery Design*

COMPLETE WITH HOT-IRON TRANSFER • N.º 283 • Price 6d



Mulheres Vianenses

Com bordados certificados - Século XXI

Cem anos depois, as linhas continuam a cruzar-se, risca-se e encomenda-se para se bordar na aldeia. Formas de expressão que as sete bordadeiras certificadas riscam entre os seus ateliês e os bordados que as mãos do campo continuam a bordar. Conheçamos as mulheres que continuam a dar expressão a uma arte secular.

ARMANDA ESPERANÇA

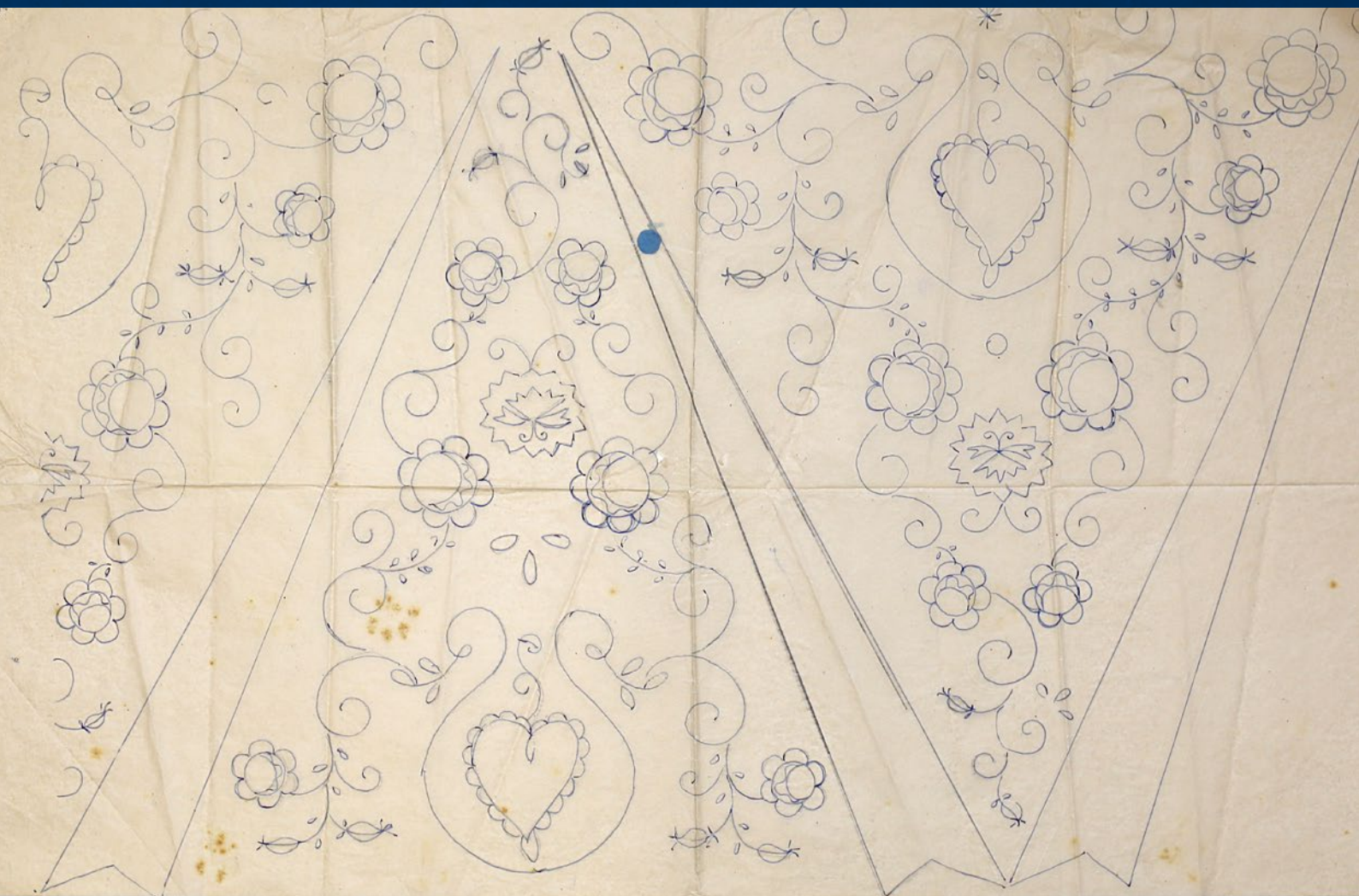
Natural de Viana do Castelo, foi com a mãe, oriunda da freguesia de Cardielos, com quem aprendeu a bordar. Como conta, a mãe bordava várias peças para Gemeniana Branco, nomeadamente camisas por tostão e meio. Hoje em dia, D. Armanda gosta muito de bordar os desenhos antigos, em especial os que contemplam a Cruz de Malta.

BEATRIZ MACHADO

Oriunda de uma família de Braga, D. Beatriz nasceu em Darque, onde aprendeu a bordar com a mãe aos 8 anos. No entanto, aperfeiçoou a sua técnica no liceu de Viana do Castelo com a prof. Antonieta. Tal como no início do século passado, D. Beatriz risca e compõe os desenhos, para que as suas bordadeiras (nas aldeias) os executem sempre em linho.

ERMELINDA MARIA MOREIRA

Residente em Viana do Castelo desde 1958, altura em que casou, D. Ermelinda nasceu em Campanhã (Porto). Aprendeu a bordar com a mãe, com a idade de 12 anos. No entanto, foi na escola de freiras, que frequentou, na qual aperfeiçoou as técnicas do bordado. Gosta de bordar todo o tipo de peças, mas desde que passou a morar em Viana, dedicou-se exclusivamente aos bordados regionais vianenses.





ISILDA PARENTE

Natural da freguesia de Perre, os bordados de Viana do Castelo desde de cedo despertaram o interesse em D. Isilda. Recorda como em criança gostava de ver as bordadeiras desta freguesia a trabalhar. No entanto, foi na escola primária onde aprendeu a bordar, na aula semanal de trabalhos manuais. Após o regresso de um período emigrada, dedicou-se à produção e comercialização dos bordados de Viana do Castelo.

MARIA AUGUSTA GIL

Nascida em Santa Marta de Portuzelo, D. Maria Augusta apenas começou a aprender os primeiros pontos após a saída da escola primária. Quando chovia, a mãe mandava-a para a casa da D. Rosa Vinagreira, com quem aprendeu a bordar. Até aos 24 anos, altura que emigrou para França, alternava os trabalhos do campo com os da costura e bordados. A completa dedicação aos bordados de Viana do Castelo, apenas acontece quando regressou de França.



MARIA DA CONCEIÇÃO PIMENTA

Conceição Pimenta, natural de Viana do Castelo, começou cedo a demonstrar o gosto pelo bordado. Aprendeu a bordar com a avó, a mãe e as tias. Aos 7 anos, altura que entrou na escola, já sabia fazer o ponto trinca fio. Gosta de criar as suas composições para os bordados e tem no marido uma grande ajuda para riscar o desenho. Gosta de ensinar e já iniciou as suas netas na arte de bordar.

MARTA PROZIL

Marta Prozil nasceu em Santa Marta de Portuzelo, terra de bordadeiras. Aprendeu a bordar na escola da freguesia, onde havia um dia por semana dedicado aos trabalhos manuais, aliás, no exame da quarta classe teve uma prova dedicada aos lavores. Desde muito nova que bordava em casa, ao serão, com a mãe, peças que as senhoras da cidade encomendavam. Gosta de riscar e bordar todo o tipo de peças.

Exposição e Catálogo

Texto Hermenegildo Viana | Patrícia Araújo . **Design** Rui Carvalho Design . **Montagem Exposição** Equipa do Museu do Traje | Divisão de Cultura, Património e Museus . **Fotografia** | **Imagem** Museu do Traje de Viana do Castelo | Arquivo Rui Carvalho Design . **Local** Museu do Traje – Câmara Municipal de Viana do Castelo . **Edição** Câmara Municipal de Viana do Castelo

Agradecimentos Armanda Esperança . Beatriz Machado . Ermelinda Maria Moreira . Isilda Parente . Maria Augusta Gil . Maria da Conceição Pimenta . Marta Prozil . Alzira Rodrigues (Acervo Exposto) . Elisabete Pires (Acervo Exposto) . Maria Luísa Monteiro (Acervo Exposto) . Rui Abreu Lima (Acervo Exposto) . Rosa Maria Cristino . Rosalina Viana . Rosalina Casanova da Silva (Vila Maria)

Bibliografia

Castleden, R.; *Inventions that Changed the World*; 2007; Little Brown Books Group

Cruzadas das Mulheres Portuguesas, Coord. Luís Sá, Manuela Rêgo, textos Isabel Lousada... (et al.); Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal; 2016

Fonseca, M.; *As Comemorações do Armistício da I Guerra Mundial no Porto: O período entre as duas guerras (1918-1938) Omni Tempore*. *Encontros da Primavera* 2016; 2 (2017): 304-332.

Hansard, T.C.; *Hansard's Parliamentary Debates*; 1832; vol. VIII; London

Lazar, J.; Goldstein, D.F.; Taylor, A.; *Ensuring Digital Accessibility through Process and Policy*; 2015; Morgan Kaufmann

Lima, R. A.; *Os bordados e as festas in A falar de Viana*; 2000

Macgregor, J.; *Commercial Statistics*; 1844; Charles Knight & Co

Marks, M.; *The Art Amateur: Devoted to Art in the Household*; 1898; vol. 39-40

Moura, M.C.C. de; *O Desenho, e as Oficinas no Curso de Formação Feminina*; in *Boletim de Acção Educativa da Direção Geral do Ensino Técnico Profissional*; 1961; Lisboa

Moura, M. L. B.; *As Guerras da Cruzada in Cruzada das Mulheres Portuguesas*; Lisboa; Biblioteca Nacional de Portugal; 2016

Peterson, C.J.; *The Peterson Magazine*; 1889; vol. 95-96

Pimenta, M. T.; *As Mulheres Portuguesas na Guerra de 1914/18*; in *Cadernos das Condição Feminina*, nº 29; Lisboa; 1989

Pires, A.; *Caderno de Especificações do Bordado de Viana do Castelo*; 2006; Câmara Municipal de Viana do Castelo

Proctor, M.G.; *Art Needlework and Embroidery Transfers: 1870-1970*; 2009; Richard & Judith Proctor

Reilly, V.; *Coats and Clark: The Binding Thread of Paisley's History*; 2009, in *RLHF Journal*, vol. 15

Viana, R. A. F.; *A Cidade e as festas em plena grande guerra 1917*; in *A Falar de Viana*; 2017

Biblioteca Geral de Consulta; volume 4; 2001

Decreto lei 2493 de 3 julho de 1916

Dicionário da História de Portugal; vol. 1 (A-D); dirigido por Manuel Serrão; 1963

Estatutos da Cruzada das Mulheres Portuguesas; Lisboa Imprensa Nacional; 1916

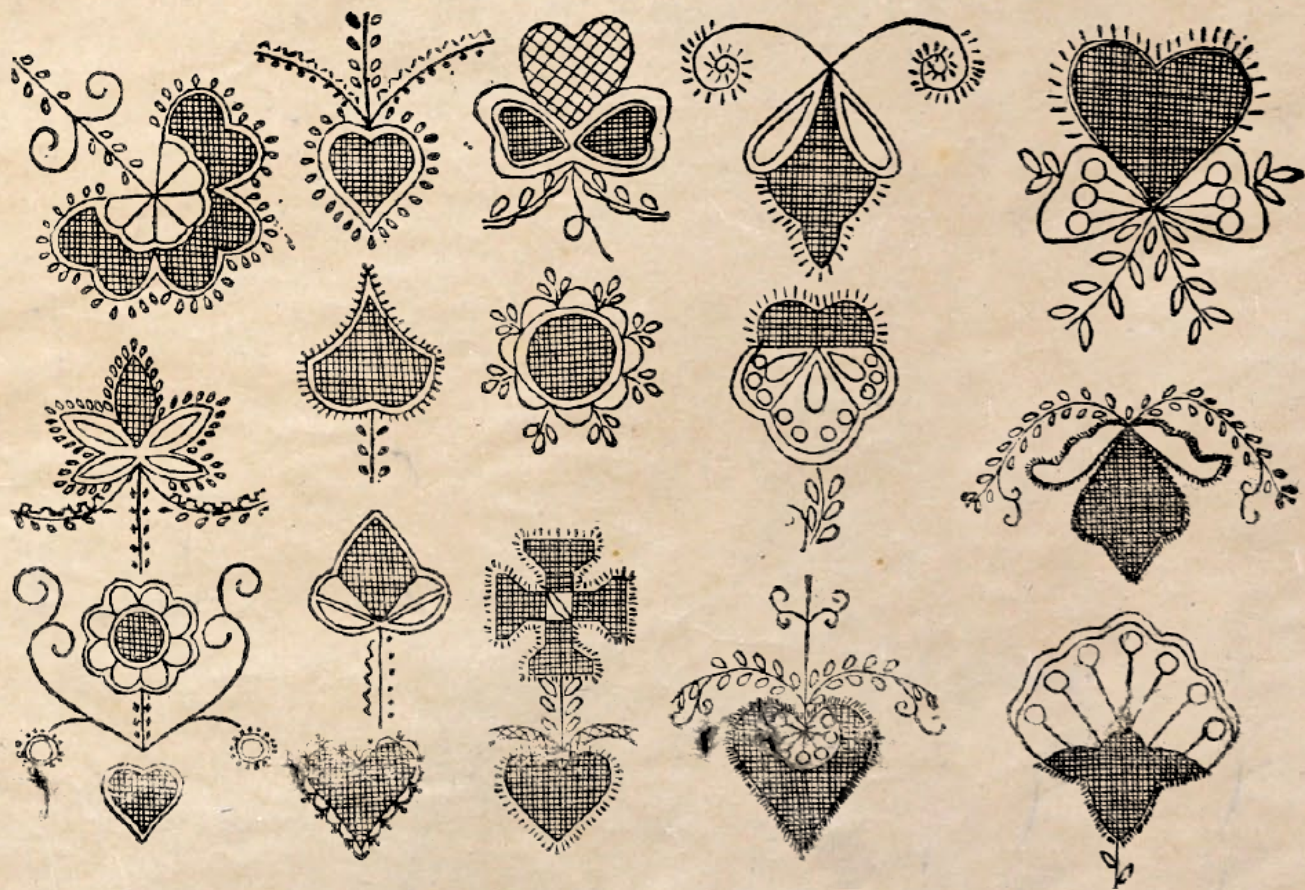
Jornal Aurora do Lima, 12 de novembro 1918

Revista Lusa, 15 de agosto 1918

Diário Universal – <https://www.diario-universal.com/>

Infopédia, Dicionários Porto Editora - <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/armistício>

Portugal 14-18 Centenário da Iª Guerra Mundial - <http://www.portugal1914.org/portal/pt/escolas-historia>





CÂMARA MUNICIPAL
VIANA DO CASTELO